REPORTAGEM ESPECIAL

Enchentes e pandemia mudam consumo de água mineral no Estado

Marcas gaúchas ampliaram sua presença no mercado estadual e reduziram a participação de concorrentes de outros estados.

Roberto Hunoff, de Caxias do Sul
Especial para o JC

A pandemia de Covid-19 e, mais recentemente, as enchentes de 2024 provocaram mudanças nos hábitos de consumo de água mineral no Rio Grande do Sul. A falta de abastecimento público em alguns períodos e a perda de qualidade da água distribuída estimularam a adoção de hábitos que permaneceram mesmo após a normalização do serviço.

O produto passou a fazer parte da rotina de mais pessoas, inclusive no preparo de chimarrão e café, observa o presidente da Associação Gaúcha dos Envasadores de Água Mineral, Éverton Steyer Netto, que também está à frente da Água Mineral Itati.

Para o dirigente, esse movimento abre espaço para fortalecer o setor e ampliar o conhecimento da população sobre as características da água mineral. A entidade trabalha para estimular a profissionalização das empresas e informar os consumidores sobre as propriedades físico-químicas de cada fonte e a composição apresentada nas tabelas nutricionais das embalagens.

"Não queremos só estimular o consumo, que já é realidade, mas informar as propriedades técnicas que fazem bem à saúde e que o cliente entenda a tabela nutricional presente nas embalagens. Com um consumidor mais consciente, o setor ganha, evolui e avança", afirma.

A consolidação das marcas gaúchas também modificou a concorrência no mercado estadual. As fontes estão distribuídas por praticamente todo o Rio Grande do Sul, com concentração na Região Metropolitana de Porto Alegre, na Serra e no Vale do Caí. Segundo Steyer Netto, o fortalecimento da produção local reduziu a presença de marcas de outros estados, que tinham maior participação no passado. Atualmente, o setor passa por um movimento de aquisições de pequenos negócios por organizações maiores. "A água mineral está virando produto estratégico como moeda de troca para outros produtos", explica.

A entrada de novos empreendimentos, por sua vez, enfrenta barreiras de investimento e regulamentação. Steyer Netto estima que a abertura de uma nova fonte exige pelo menos R$ 5 milhões e pode levar alguns anos até a obtenção das autorizações necessárias. O processo também demanda equipamentos modernos, tecnologia e automação. "Extrair a água é fácil, mas o processo todo, até a entrega, é moroso e delicado", ressalta.



MAGNIFIC7/DIVULGAÇÃO/JC

Problemas de abastecimento nas enchentes de 2024 reforçou a procura pelo produto

O QUE É ÁGUA MINERAL NATURAL?
É a água produzida e enriquecida de sais minerais pela própria natureza. É captada do subsolo através de fontes hidrominerais localizadas em áreas protegidas da poluição ambiental, para preservação da composição mineral da água. Somente fontes legalmente autorizadas podem explorá-las.

QUAL É A ORIGEM DOS SAIS MINERAIS?
Depois que a água da chuva cai e penetra no subsolo, durante dezenas de anos ela percorre diversas variedades de rocha existentes na natureza, das quais vai absorvendo sais minerais e outros elementos nutrientes.

A ÁGUA MINERAL É TRATADA?
Não. Por lei, a água mineral natural não pode sofrer qualquer tipo de tratamento. Ela deve ser captada e envasada na própria fonte e chegar ao consumidor tal como foi concebida pela natureza.

TODA ÁGUA MINERAL TEM MESMO SAIS MINERAIS?
Uma água só pode ser classificada como mineral natural se tiver um conteúdo permanente de sais minerais e em quantidades mínimas estabelecidas por lei. Esta classificação é feita pelo Departamento Nacional de Produção Mineral, após rigorosas análises da água.

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS COMPONENTES DA ÁGUA MINERAL?
Bicarbonato, cálcio, magnésio, potássio, sódio e fluoreto

Santo Anjo tem forte atuação no Litoral Norte e foca em nichos de mercado

Fundada em dezembro de 2003, a Água Mineral Santo Anjo tem forte atuação no Litoral Norte Gaúcho e em Santa Catarina, com atendimento focado, especialmente, em restaurantes, lojas de conveniência e distribuidores. De acordo com Gustavo Borges, diretor de logística, a empresa tem evitado disputar mercados com preços baixos. "Temos visto promoções da concorrência com valores inferiores aos praticados no Nordeste. Por isso, adotamos uma política de maior proximidade com alguns nichos de mercado", explica.

Borges reconhece que o mercado está aquecido, mas com margens baixas de rentabilidade, o que pode inviabilizar parte dos negócios. "Estamos apostando em qualidade e não quantidade. A água com gás vem ganhando mercado a cada ano", observa, ao destacar que a empresa tem uma frota própria de caminhões para entrega dos pedidos. Localizada em Três Cachoeiras, no Litoral gaúcho, a fábrica com 20 empregos diretos opera com equipamentos automatizados. Outros 25 postos de trabalho são indiretos.

Para Borges, entre as razões para o crescimento do mercado está o abastecimento bastante precário de água tratada pelo poder público, além da baixa qualidade decorrente de fatores climáticos, que ora inundam os rios, ora os secam. Da produção total, em torno de 70% são envasados em garrafas de 500ml, com e sem gás. O restante se divide em bombonas de cinco, 10 e 20 litros sem gás, e nas garrafas de 400ml e 1,5l com e sem gás. A fonte tem vasão de 15 mil litros por hora.

A preocupação com o destino das garrafas levou ao desenvolvimento um projeto de logística reversa, em que as unidades consumidas nos estabelecimentos parceiros são recolhidas e vendidas a uma empresa de reciclagem local. As garrafas são trituradas em chips e esterilizadas. O valor da venda é aplicado em ações socioambientais para a conscientização e cuidado com o meio ambiente.